**A TEORIA CRÍTICA E O SEXISMO: OS REFLEXOS DO EMPODERAMENTO FEMININO NOS DESENHOS ANIMADOS DA DISNEY.**

**Resumo**

O presente artigo tem como principal objetivo a identificação do empoderamento feminino nos filmes infantis com a presença de personagens femininas tituladas posteriormente como "princesas" e os reflexos da sociedade observados por meio dos filmes. Trata-se, portanto, de um levantamento bibliográfico e audiovisual que visa a criação de um olhar crítico quanto ao consumo positivos dos filmes e das respectivas reações ao empoderamento das personagens sob relação ao sexismo.

**Palavras-chave:** Princesas; Empoderamento; Sexismo.

**ABSTRACT**

This article has as its main objective the identification of female films with the presence of female characters later titled "princesses" and the reflections of society observed through films. It is, therefore, a bibliographic and audiovisual survey that aims to create a critical look on the consumption of films and the auditions that are applied to the character interpreter in relation to sexism.

**Keywords**: Princesses; Empowerment; Sexism.

1. **INTRODUÇÃO**

Criada com a intenção de despertar a criticidade dos direitos iguais a todas as pessoas, a declaração dos direitos humanos traz em seu conteúdo três pilares básicos para a construção e garantia da dignidade humana enquanto pessoas dotadas de razão e inteligência. São esses: Igualdade, Dignidade e Fraternidade.

Ainda com a declaração em defesa do ser humano, a sociedade encontrou problemas para a proteção integral do ser humano decorrentes de paradigmas impostos posteriormente, sendo um desses paradigmas o sexismo, conhecido popularmente como preconceito de sexos, que atinge majoritariamente mulheres de todas as classes sociais e etnias.

Ainda com a criação da lei Maria da Penha em agosto de 2006, os índices de criminalidade (física ou psicológica) no Brasil são preocupantes, e o mesmo é tratado por muitos como banalidade. Uma pesquisa feita em agosto de 2018 pela Agência Brasil, diz que foram registradas no primeiro semestre deste ano quase 73 mil denúncias de todo tipo de crime contra a mulher. (Brito, 2018)

Nos últimos anos, graças a lei Maria da Penha, houve um aumento significativo de denúncias, mas para contrapor-se, houve também um aumento significativo de feminicídio, um crime hediondo perante a lei que se delimita a partir do assassinato de mulheres em razão do gênero, e quando se trata do assunto, nosso país é o 5° com a maior taxa de feminicídio no mundo. (Brandalise, 2018)

Portanto, observa-se que o preconceito de gênero está presente na sociedade e atinge diferentes classes. Este preconceito é definido também como sexismo, baseado no pré-conceito pessoal e que desrespeita não somente ao indivíduo, mas também as diferentes leis (em escala nacional ou internacional) do ser humano.

1. **O Preconceito**

O termo é, portanto, a materialização do preconceito entre gêneros, atingindo principalmente mulheres. Segundo Mesquita Filho, Eufrásio e Batista (2011, p.556) [..] O sexismo, então, em sua porção perceptível costuma se expressar na forma tradicional, em que a mulher é considerada inferior ao homem, incapaz de exercer os mesmos papéis que ele. [...]. Os autores ainda afirmam que:

O sexismo hostil refere-se a atitudes prejudiciais em relação às mulheres, articulando-se em torno das seguintes ideias: 1) um paternalismo dominador, entendendo que as mulheres são mais frágeis e inferiores aos homens, legitimando a figura dominante masculina; 2) a diferenciação de gênero competitiva, ou seja, considerar que as mulheres são diferentes dos homens e que não possuem as características necessárias para triunfar no âmbito público, pelo que devem permanecer na área privada (para a qual estão preparadas); 3) a hostilidade heterossexual ou considerar que as mulheres têm um “poder sexual” que as tornam perigosas e manipuladoras dos homens (GLICK E FISKE, 1996 APUD MESQUITA FILHO, EUFRÁSIO E BATISTA, 2011, P.556).

Sendo assim, desperta-se a reflexão de um sexismo implantado de forma subjetiva com o passar dos anos, tendo suas raízes no machismo, em estereótipos de gênero e até mesmo no androcentrismo (Ribeiro; Pátaro, 2015), e esse pensamento desencadeia desde a educação básica a ideia de uma desigualdade entre os gêneros que é inexistente.

A partir desse aspecto, entende-se que o sexismo é um tipo de preconceito enraizado em nossa sociedade desde a idade média, portanto, é possível observar seus reflexos dentro de diferentes veículos de comunicação, que alcançam diferentes tipos de público em diferentes realidades, assim como é apresentado na teoria crítica da comunicação. Firmino e Porchat (2017) afirmam que é observando tal aspecto que é possível se deparar com o conceito de gênero, que na atualidade, já não pode ter uma definição clara, uma vez que todo ser-humano tem a liberdade para escolher sua orientação sexual.

O conceito de gênero surge então para afirmar que as diferenças sexuais não são por si só determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres, mas são significadas e valorizadas pela cultura de forma a produzir diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais.

Os autores ainda citam a filosofa Simone de Beauvoir, que defende a filosofia de tornar-se mulher, e não apenas nascer mulher.

* 1. **Teoria crítica**

A teoria que surge em meados dos anos quarenta (40) e demonstra a importância da mensagem nos diferentes âmbitos e filtros psicológicos (particulares) pelos quais a mesma passa, está diretamente ligada ao conceito de sociedade do espetáculo, desenvolvido por Guy Debord em sua obra “Sociedade do espetáculo”.

Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, servese da visão como um sentido privilegiado da pessoa humana – o que em outras épocas fora o tato; o sentido mais abstrato, e mais sujeito à mistificação, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual (DEBORD, 1997, p. 18).

Portanto, para Debord as mídias têm a intenção de “hipnotizar o telespectador”, e por este mesmo motivo a teoria está alinhada à ideia de mito e conto de fadas, presentes de forma massiva nas narrativas da Disney, especialmente para as personagens femininas.

Além disso, podemos citar também a importância fundamental do imaginário para a construção de personalidade humana. Esta relação se dá desde a infância. Segundo Alves (2008)

“O lúdico é apresentado como recurso da criança para se comunicar, para se relacionar com o outro, para compreender a si mesma e as “coisas” que ocorrem a sua volta de modo a contribuir com o seu processo de desenvolvimento.”

Assim, podemos observar que a construção feminina dos filmes pode colaborar de forma positiva e negativa quanto a idealização do papel feminino baseado em um estereótipo de gêneros (Cyfer, 2015) dos quais a sociedade moderna tende a questionar e até mesmo recusar.

1. **O ensinamento Disney em novos tempos**

Como já mencionado, as primeiras princesas da eram personagens consideradas submissas e frágeis a espera de um príncipe encantado para resgatá-las, agora em tempos pela luta de igualdade de gênero, a Disney incorpora princesas independentes, resultando não apenas em ensinamentos as meninas sobre independência, mas também aos meninos sobre respeito e o conceito de igualdade de gênero.

Nota-se que a Disney tem um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade das pessoas, principalmente por estar presente em suas vidas desde sua formação na infância bem como formadora de opinião, além de estar disposta a inovar e produzir entretenimento em seus filmes, expondo uma nova realidade para suas crianças.

Este empoderamento está além da personalidade, mas também se encontra presente em suas características físicas e comportamentais onde as princesas estão “fora do padrão de beleza”.

Temos as princesas Moana, Elsa, Pocahontas, Mulan, Merida e Esmeralda. Um dos aspectos nos quais elas tornam-se diferentes é justamente pelo fato de romperem com alguns padrões físicos e visuais, com os estereótipos que se esperam de princesas e de gênero. Quando pensamos em princesas, logo nos vêm à mente vestidos e cabelos “perfeitos”, loiras de olhos azuis, com sapatos e acessórios brilhantes. (Araujo, 2018 , p.38).

Estes novos conceitos conseguem estabelecer as meninas não brancas que elas também podem ser princesas , indepente de seu cabelo, cultura ou etnia, as novas princesas exaltam empoderamento por serem examente da forma como são, sem se moldar da forma como a sociedade espera que seja.

Em 2012 a disney destaca isso em *Valente* (2012), quando a jovem princesa Merida vai contra sua propria cultura, incluindo contra sua propria mãe, que busca a todo momento moldar a jovem nos padrões de princesa e mulher exigia.

O sujeito feminino que se destaca como personagem principal é representado pela princesa Merida, a quem o adjetivo “Valente” do título do filme se refere, atribuindo um caráter de bravura a esse sujeito. Além disso, a personagem não apresenta um padrão de comportamento considerado “adequado” para uma “princesa”, que vai desde os modos a mesa até aos seus ideais de liberdade contrários as suas obrigações, sendo a principal delas o matrimonio.(Oliveira, p.8).

Numa quebra de padrão imposta pela sociedade, as princesas da disney cada vez mais mostram uma sociedade mordena, onde a mulher vai ser quem ela quiser, revelando também não só o papel do homem conservador, mas também da mulher tradicionalista, no caso do filme Valente (2012), Elinor, a rainha e mãe de Merida que tenta adequar a filha numa espécie de modelo a seguir seguido, padroniizado na vestimenta, no comportamento diante dos outros e principalmente no papel de esposa submissa ao marido.

1. **Os filmes da Disney e o empoderamento feminino.**

Ao mencionarmos o sexismo, automaticamente se pensa também no empoderamento feminino e na luta pela igualdade entre os gêneros. Sabe-se que hoje, o termo “Mulher empoderada” pode ser motivo de muitas discussões, entretanto, ao analisar filmes e comercias ao longo dos anos, nota-se que o discurso vem se formando com o tempo.

O estudo feito por Lopes (2016) mostra uma análise detalhada sobre as treze princesas (Doze filmes) do estúdio, que refletem o conceito de empoderamento segundo sua data de lançamento e que, em atualmente demonstram a luta contra o sexismo.

Seguindo a linha do tempo de lançamentos dos filmes, temos a seguinte ordem (desconsiderando o estúdio de animação):

1937 – Branca de Neve e os Sete Anões (Branca de Neve)

1950 – Cinderela (Cinderela)

1959 – A Bela Adormecida (Aurora)

1989 – A Pequena Sereia (Ariel)

1991 – A Bela e a Fera (Bela)

1992 – Aladdin (Jasmine)

1995 – Pocahontas (Pocahontas)

1996 – Corcunda de Notre Dame (Esmeralda)

1997 – Hércules (Megara)

1998 – Mulan (Mulan)

2007 – Encantada (Giselle)

2009 – A princesa e o Sapo (Tiana)

2010 – Enrolados (Rapunzel)

2012 – Valente (Merida)

2013 – Frozen (Elsa e Anna)

2016 – Zootopia (Judy Hopps)

2017 – Moana (Moana)

Segundo Lopes (2016), as personagens podem ser classificadas em três (3) categorias ou gerações: Clássicas, rebeldes e contemporâneas. As características de empoderamento variam de acordo com a época em que o filme foi lançado.

* Personagens Clássicas: Branca de Neve (1937), Cinderela (1950) e Aurora (1959).

Estas princesas não apresentam a mulher empoderada. No decorrer do filme, elas estão submissas, e aguardam a chegada do príncipe. Branca de Neve, por exemplo, ao chegar na casa dos anões, cansada de fugir, resolve limpar a casa e fazer o jantar, antes mesmo de descansar, “na categoria, acabou repassando a imagem da princesa que, mais tarde, foi sendo reforçada por outros personagens que seguiam a mesma linha, tanto de comportamento, quanto no enredo” (Junior, Alves; S.D). Nestes filmes, a imagem de beleza e valorização da mulher está ligada apenas à sua parte exterior, ou aquilo que pode ser considerado “presentes” como a voz.

As personagens ainda que demonstrem uma visão inovadora para o conservadorismo da época, é na verdade um reflexo da sociedade, onde a mulher tem seu valor em casa.

* Personagens Rebeldes: Pequena Sereia (1989), A Bela e a Fera (1991), Aladdin (1992), Pocahontas (1995), O Corcunda de Notre Dame (1996), Hercules (1997), Mulan (1998).

As características de empoderamento destas, por sua vez, é mais presente e marcante, reflexo de uma sociedade em mudança, Para Breder (2013) “em meio à chamada segunda onda feminista, o público não teria mais interesse em uma bela donzela à espera de seu príncipe encantado” e a mulher passa a ter destaque e por isto, é tida como estranha, temos como exemplo desta mudança Bela gostar de livros e Jasmine por contrariar seu pai.

Novamente, pode-se observar nestas princesas a mudança de comportamento graças a sociedade do consumo, pois há a mudança dos valores, tirando a mulher de dentro de casa, tendo-a como formadora da própria opinião de forma concisa. Nesta época a característica predominante das personagens é a princesa guerreira heroína, onde a mulher é dona de si e luta pela igualdade social, entretanto a ideia de um interesse amoroso e da dependência masculina permanece, seguindo o conceito de Branca de Neve, onde o “final feliz” se dá apenas por meio do casamento. (Junior, Alves; S.D).

* Princesas contemporâneas: Encantada (2007), A Princesa e o Sapo (2009), Enrolados (2010),

As personagens contemporâneas por sua vez, trazem a característica do empoderamento, onde o seu parceiro passa a ser participante secundário e a persona de feminilidade está em primeiro plano, lutando por seus interesses, ainda que estes confrontem a ideia tradicional dos personagens a sua volta.

As mulheres que, antes eram apresentadas como frágeis, dependentes de uma força masculina e seguindo regras e normas que deveriam ser aplicadas a elas, agora dão espaço para protagonistas fortes, destemidas, que traçam seu próprio futuro [...] (Junior, Alves; S.D).

Neste contexto, verifica-se ainda, a perspectiva do amor verdadeiro, que é abordado como uma realidade não tão bonita como os filmes anteriores mostravam além das diferenças entre “amores”, ou seja, são explanados também os amores fraternos e familiares, como em “Frozen: Uma Aventura Congelante”, onde a trama do filme envolve o amor entre duas irmãs, “Valente” que conta a história de Merida para salvar sua mãe e “Moana” que sai de sua ilha para salvar sua vila, “[...] filmes que apresentam essas mulheres fortes, independentes e, ao mesmo tempo, nos fazem sonhar e nos encantar [...]” (Junior, Alves; S.D).

**4. Considerações finais**

As princesas da Disney transformaram-se ao longo dos anos um exemplo e inspiração para muitas garotas em fase de desenvolvimento. É importante observar na atualidade a marcante presença do movimento a favor do empoderamento feminino e do auto reconhecimento da mulher como dona de sua história. Tal movimento pode ser observado por meio dos filmes e seus contextos históricos-socais, onde a mulher deixa de ser “Frágil” e necessita de um herói, para o papel de protagonista forte e independente que já não tem o príncipe encantado.

Hoje, o sexismo se tornou um dos mais graves tipos de preconceito, onde a mulher se encontra como principal vítima, bem como o público LGBTQ+. Sendo assim, pode-se observar a importância de produtos audiovisuais que ilustrem o feminismo como assunto fora de tabu, moderno e de extrema importância, a ser tratado desde a educação infantil, formando assim, jovens adultos informados e livre de preconceitos.

**REFERÊNCIAS**

Debord, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. (1997*).* Rio de Janeiro: Contraponto.

ALVES, Francisco Cosme; JUNIOR, Francisco Aucelio Evangelista Belchior. O EXISTENCIALISMO PARA O EMPODERAMENTO FEMININO EM FILMES DA DISNEY. 2008.

ARAUJO, Patricia Martins de. Protagonismo feminino: influências dos filmes de princesas da Disney para uma educação feminista. 2018. Disponível em https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1793/1/ARAUJO.pdf acesso em 09/10/2019.

BREDER, Fernanda Cabanez. Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney. Monografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/feminismo-e-prc3adncipes-encantados-a-representac3a7c3a3o-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf Acesso em 20/03/2019

BRITO, Débora. Denúncias de violência contra a mulher chegam a 73 mil, em 2018. Lei Maria da Penha completa 12 anos em meio a notícias de feminicídio. Agência Brasil, Brasília, 07 de agosto de 2018, Direitos Humanos.

BRANDALISE, Camila. O que é feminicídio? Entenda a definição do crime que mata mulheres. Uol.com, 21 de agosto de 2018. Caderno de entretenimento.

CYFER, Ingrid. Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e "a questão do sujeito" na teoria crítica feminista. Lua Nova, São Paulo , n. 94, p. 41-77, Apr. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-64452015000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06/08/2019.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patricia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, v. 19, n. 1, p. 51-61, 2017.

JUNIOR, Francisco Aucelio Evangelista Belchior; ALVES, Francisco Cosme. O EXISTENCIALISMO PARA O EMPODERAMENTO FEMININO EM FILMES DA DISNEY. <Disponível Em http://prpi.ifce.edu.br/nl/\_lib/file/doc1609-Trabalho/ARTIGO%20Francisco%20Cosme%20e%20Francisco%20Auc%E9lio.pdf> Acesso em 06/08/2019.

LOPES, Karine Elisa Luchtemberg dos Santos. Análise da evolução do estereótipo das princesas Disney. 2016. Disponível em https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/7620. acesso em 06/08/2019

MESQUITA FILHO, Marcos; EUFRASIO, Cremilda; BATISTA, Marcos Antônio. Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. Saude soc., São Paulo , v. 20, n. 3, p. 554-567, Sept. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0104-12902011000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21/11/2019.

NEGRINI, Michele; AUGUSTI, Alexandre Rossato. O legado de Guy Debord: reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2013. Disponivel em http://www.bocc.ubi.pt/pag/negrini-augusti-2013-legado-guy-debord.pdf acesso em 22/11/2019.

OLIVEIRA, Dayane Adriana Teixeira. A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS: UMA ANÁLISE DO FILME VALENTE (2012). Disponível em http://www.editorarealize.com.br/revistas/sinalge/trabalhos/TRABALHO\_EV066\_MD1\_SA6\_ID522\_10022017233010.pdf acesso em 09/10/2019.

RIBEIRO, Amanda de Souza; PÁTARO, Ricardo Fernandes. REFLEXÕES SOBRE O SEXISMO A PARTIR DO COTIDIANO ESCOLAR. Revista Educação e Linguagens, v. 4, n. 6, 2015. Disponivel em http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/view/806 acesso em 21/11/2019